RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O Saber.
ISSN: 2675-9128. São Paulo-SP.
Ano V, v.1, n.1, jan/julho 2025. | submissão: 21/04/2025 | aceito: 23/04/2025 | publicação:25/04/2025

Fatores que impulsionaram a obesidade infantil a partir da pandemia da covid-19

Factors that have driven childhood obesity since the COVID-19 pandemic

Peralany Passos de Oliveira Borges
Ana Clara Passos de Oliveira Borges
Carlos Júnior Rodrigues Borges
Pablo Ricardo Passos de Oliveira Borges
Daniella Miranda da Silva
Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI Curso FLD217924SAU

RESUMO

A pandemia da COVID-19 provocou transformações profundas na rotina das crianças, impactando negativamente sua saúde física e emocional. Este artigo teve como objetivo analisar os principais fatores que impulsionaram a obesidade infantil a partir do período pandêmico. Utilizando-se de uma abordagem qualitativa e exploratória, fundamentada em revisão bibliográfica, foram investigadas as mudanças nos hábitos alimentares, o aumento do sedentarismo, a intensificação do uso de telas e os efeitos emocionais do isolamento social. Os resultados revelam que a obesidade infantil se agravou consideravelmente nesse período, sobretudo entre populações vulneráveis, como consequência de múltiplos fatores interligados. Conclui-se que a prevenção e o enfrentamento da obesidade infantil exigem ações intersetoriais que integrem educação nutricional, estímulo à prática de atividades físicas, apoio psicológico e políticas públicas voltadas à promoção da saúde infantil de forma contínua e eficaz.

Palavras-chave: Obesidade infantil. Pandemia de COVID-19. Hábitos alimentares. Sedentarismo. Saúde pública infantil.

1 INTRODUÇÃO

Estudos mostram que o aumento da obesidade infantil a partir da pandemia da covid-19 foi alarmante. O resultado desse período de reclusão está sendo vivenciado nos dias atuais. Há muitas pessoas que sofrem problemas de saúde hoje que, provavelmente, são resultantes do período de isolamento por causa da

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

pandemia, como depressão, ansiedade, síndrome do pânico, entre outras. Porém, o que é bastante preocupante é o fato de que há um grande número de adolescentes com visível sobrepeso (obesos) e com comportamentos alimentares nada saudáveis, resultante desse período.

A pandemia da COVID-19 trouxe impactos significativos para a sociedade em diversas áreas, incluindo a saúde infantil. Entre os problemas decorrentes desse período, a obesidade infantil se destacou como uma questão preocupante, impulsionada por mudanças no estilo de vida, no comportamento alimentar e na redução da prática de atividades físicas. Com as restrições de circulação, o fechamento de escolas e espaços recreativos, muitas crianças passaram a adotar hábitos mais sedentários, associando-se ao aumento do consumo de alimentos ultraprocessados e à diminuição do gasto calórico diário.

Além disso, fatores como a maior exposição a telas, a alteração na rotina familiar e o impacto psicológico do isolamento social contribuíram para o aumento dos índices de sobrepeso e obesidade nessa faixa etária. Estudos apontam que a alimentação desbalanceada, aliada à inatividade física, pode desencadear consequências preocupantes para o desenvolvimento infantil, aumentando o risco de doenças crônicas como diabetes tipo 2 e hipertensão desde a infância.

A pandemia da COVID-19 provocou mudanças significativas no estilo de vida das crianças, resultando no aumento dos índices de obesidade infantil. O isolamento social, a redução das atividades físicas, o maior consumo de alimentos ultraprocessados e o aumento do tempo de exposição às telas contribuíram para esse cenário preocupante. Diante desse contexto, surge a necessidade de compreender quais fatores específicos impulsionaram esse crescimento e quais estratégias podem ser adotadas para mitigar os impactos da pandemia na saúde infantil. Como reverter essa tendência e promover hábitos saudáveis entre as crianças, considerando os desafios impostos pela nova rotina pós-pandemia?

Diante desse cenário, torna-se essencial compreender os principais fatores que impulsionaram a obesidade infantil durante e após a pandemia, a fim de desenvolver estratégias eficazes para a promoção de hábitos saudáveis e a prevenção de problemas de saúde a longo prazo. Este artigo busca analisar essas influências, destacando os desafios e possíveis soluções para reverter esse quadro preocupante.

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

2 IMPACTO DA PANDEMIA DA COVID-19 NA OBESIDADE INFANTIL

A pandemia da COVID-19 desencadeou uma série de mudanças sociais e comportamentais que tiveram consequências diretas e significativas sobre a obesidade infantil. O confinamento prolongado e as restrições de movimentação impuseram um estilo de vida sedentário, limitando as atividades físicas que eram previamente realizadas por crianças e adolescentes. As escolas, que frequentemente funcionavam como ambientes de incentivo à prática esportiva e à atividade física, fecharam suas portas, resultando em uma redução drástica nas oportunidades para a prática de exercícios (Andrade *et al.,* 2024). Essa interrupção não só privou as crianças do movimento físico, mas também das interações sociais que frequentemente acompanham essas atividades, crucial para o desenvolvimento emocional e social.

Além disso, o aumento do tempo de tela durante a pandemia teve um papel preponderante nesse quadro. Com a transição para o ensino remoto e o entretenimento digital acessível, as crianças passaram a dedicar horas incontáveis a dispositivos eletrônicos, frequentemente em atividades sedentárias. Esse hábito se vinculou a escolhas alimentares menos saudáveis, já que a facilidade de acesso a lanches industrializados, frequentemente consumidos durante o uso de tela, aumentou significativamente. Esse aumento nas interações digitais, aliado ao estresse e à ansiedade provocados pela pandemia, resultou em padrões alimentares menos saudáveis, caracterizados pelo consumo mais frequente de alimentos ricos em açúcares e gorduras (Passerini, 2024).

Adicionalmente, o impacto econômico decorrente da pandemia levou muitas famílias a priorizarem opções alimentares mais baratas e frequentemente menos nutritivas em detrimento de uma alimentação equilibrada. Essa confluência de fatores — a redução da atividade física, o aumento do tempo de tela, e a mudança nas práticas alimentares — criou um ambiente propício para o aumento da obesidade infantil, enraizando questões de saúde que podem perdurar por toda a vida. Assim, a pandemia não apenas acentuou a obesidade entre crianças já vulneráveis, mas também abriu um leque de discussões sobre a necessidade de intervenções sociais e educativas que visem reverter essas tendências prejudiciais e promover hábitos saudáveis a longo prazo.

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

2.1 Mudanças nos Hábitos Alimentares

A pandemia da COVID-19 provocou mudanças significativas nos hábitos alimentares das crianças, um fenômeno que merece análise detalhada devido às suas implicações no aumento da obesidade infantil. As medidas de isolamento social, que limitaram as atividades externas e a interação social, contribuíram para um ambiente propício ao consumo excessivo de alimentos não saudáveis. As escolas, que até então desempenhavam um papel crucial na promoção de uma alimentação equilibrada através de programas de merenda, foram temporariamente fechadas, fazendo com que muitos jovens passassem a se alimentar em casa, frequentemente em situações de estresse e ansiedade (Da Cunha; De Barros, 2021) Nesse novo contexto, um fator preponderante foi o aumento do consumo de alimentos processados. Este grupo de alimentos, frequentemente rico em açúcares, gorduras saturadas e sódio, tornou-se a escolha predominante entre as crianças e adolescentes. A facilidade de acesso a esses produtos, aliada à busca por opções rápidas e convenientes, resultou em uma maior dependência de alimentos ultraprocessados, como salgadinhos, refrigerantes e fast food (Zani; Da Cunha Nones, 2023). Além disso, o marketing agressivo voltado ao público infantil, que se intensificou durante a pandemia com a crescente utilização de mídias digitais, contribuiu para a normalização do consumo desses produtos.

Diversos estudos já demonstraram que a exposição frequente a propagandas de alimentos não saudáveis está correlacionada com escolhas alimentares menos saudáveis entre crianças. Assim, a pandemia não só alterou a rotina alimentar das crianças, mas também favoreceu um cenário em que as opções saudáveis se tornaram menos acessíveis e menos atraentes (Santos, 2024). O resultado disso é uma preocupação crescente com a saúde infantil, pois a adoção de hábitos alimentares inadequados, em meio ao sedentarismo provocado pelo confinamento, criou um ciclo vicioso que potencializa o risco de obesidade e suas consequências de longo prazo. Diante dessa realidade, torna-se imperativo repensar estratégias que incentivem uma alimentação saudável, tanto nas esferas escolar quanto familiar, para mitigar os impactos adversos da pandemia nos hábitos alimentares das novas gerações (Michetti *et al*., 2022).

2.2 Aumento do consumo de alimentos processados

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

A pandemia de COVID-19 trouxe consigo uma série de mudanças nos hábitos alimentares, particularmente um aumento significativo no consumo de alimentos processados. Esse fenômeno pode ser atribuído a diversos fatores inter- relacionados, que vão além da mera conveniência (Zani; Da Cunha Nones, 2023). Durante os períodos de confinamento e restrições sociais, muitas famílias se viram diante da necessidade de adaptar suas rotinas alimentares de forma rápida e eficiente. O fechamento de escolas e a interrupção de atividades físicas, por sua vez, contribuíram para um estilo de vida mais sedentário, elevando a demanda por opções alimentares rápidas e fáceis de preparar (Teles; De Lima, 2024).

Além disso, a natureza dos alimentos processados, que frequentemente apresenta uma combinação de sabores intensos e atrativos, e estratégias de marketing eficazes, foi um motor subjacente nesse aumento. Muitas crianças, ao serem expostas a produtos industrializados ricos em açúcares, gorduras saturadas e aditivos, desenvolveram preferências alimentares menos saudáveis (Ferraz, 2021). Essa mudança não apenas altera a ingestão calórica, mas também afeta a qualidade da dieta, uma vez que esses alimentos tendem a ser pobres em nutrientes essenciais, como vitaminas e minerais. A pandemia estabeleceu um ciclo potencialmente vicioso, onde o estresse emocional também levou a escolhas alimentares menos saudáveis, contribuindo ainda mais para o aumento da obesidade infantil.

Por outro lado, a dificuldade de acesso a alimentos frescos e nutritivos durante a pandemia – em parte devido a questões logísticas e à priorização de alimentos com maior durabilidade – exacerbava esse cenário. Com mercados e feiras limitados, as opções de alimentos não processados tornaram-se escassas, levando os pais a optarem por alternativas mais acessíveis e de longa conservação, que nem sempre correspondem às necessidades nutricionais adequadas para uma criança em fase de crescimento (Passerini, 2024). Portanto, o aumento do consumo de alimentos processados, impulsionado por fatores socioeconômicos e comportamentais, pode ser visto como um risco significativo que permite entender melhor o crescimento da obesidade infantil nesse contexto contemporâneo.

2.3 Consequências da obesidade infantil durante a pandemia

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

A obesidade infantil, quando catalisada pela pandemia da COVID-19, desdobrou-se em uma série de consequências significativas, afetando tanto a saúde física quanto a saúde mental das crianças. Com as medidas de confinamento e o fechamento de escolas, a redução das atividades físicas tornou-se evidente, enquanto, simultaneamente, o acesso a alimentos processados e ricos em açúcar aumentou, criando um cenário propício para o ganho excessivo de peso. Estima-se que as taxas de obesidade infantil possam ter crescido de forma exponencial durante esse período, com estudos indicando que a prevalência de crianças com sobrepeso ou obesidade aumentou em 10 a 20% nas populações estudadas (Mendes, 2022).

Os riscos para a saúde física dessas crianças são alarmantes. O aumento de peso está diretamente associado a condições de saúde como diabetes tipo 2, hipertensão e dislipidemias, todas as quais costumavam ser raras em pré- adolescentes e adolescentes. Além das comorbidades físicas, essa população cresce em suas vulnerabilidades psíquicas. A obesidade é frequentemente acompanhada de estigmatização e discriminação social, contribuindo para o desenvolvimento de problemas psicológicos como depressão, ansiedade e baixa autoestima (Andrade *et al.,* 2024). O isolamento social imposto pela pandemia exacerbou essas questões, pois crianças e adolescentes, já em situação de vulnerabilidade, enfrentaram uma ausência significativa de suporte social e atividades interativas que poderiam compensar o impacto negativo do peso.

Ademais, a importância de uma abordagem multidisciplinar no combate à obesidade infantil durante e após a pandemia se torna evidente. A necessidade de intervenções que unam educação alimentar, promoção da prática de atividades físicas e apoio psicológico é crucial para mitigar essas consequências. Analisando essa complexa trama de fatores interrelacionados, é fundamental que políticas públicas e programas de saúde pública se voltem para a compreensão e o endereçamento das questões geradas, visando melhorar a qualidade de vida e a saúde das crianças afetadas por esse problema crescente (Araújo; Neto, 2024). Assim, a combinação de medidas preventivas e terapêuticas é vital, não apenas para contornar a epidemia de obesidade, mas também para promover um futuro mais saudável e equilibrado para as próximas gerações.

2.4 Estratégias de prevenção e intervenção

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Estratégias eficazes de prevenção e intervenção na obesidade infantil, especialmente após os impactos significativos da pandemia, requerem uma abordagem multifacetada. A promoção de atividades físicas em casa emerge como uma das soluções prioritárias nesse contexto. Com o fechamento de escolas e a limitação de espaços públicos para o lazer, as crianças enfrentaram uma redução drástica nas oportunidades de atividade física. Portanto, criar um ambiente que fomente o movimento e o exercício dentro da residência torna-se crucial (Santi, 2023).

Para que essa promoção seja efetiva, é importante considerar a implementação de atividades lúdicas que possam ser realizadas em ambientes confinados, como jogos que envolvam dança ou exercícios de alta intensidade adaptáveis ao espaço disponível. A utilização de plataformas digitais que oferecem aulas de ginástica voltadas para o público infantil pode ser uma forma inovadora de engajar as crianças, proporcionando não apenas treino físico, mas também socialização e interação virtual com colegas (Godoi; Kawashima, 2021). Além disso, a criação de rotinas de exercícios que incluam toda a família promove não apenas a saúde física, mas fortalece vínculos familiares, transformando o momento de atividade em uma prática coletiva e prazerosa.

Outra estratégia relevante envolve a educação nutricional associada ao aumento das atividades físicas. Promover a conscientização sobre a importância de uma alimentação equilibrada, rica em frutas, vegetais e grãos integrais, complementa as práticas de exercício físico, criando um ciclo virtuoso que incentiva hábitos saudáveis (Santi, 2023). A participação de escolas, comunidades e profissionais de saúde na disseminação de informações sobre nutrição e exercício pode ser determinante. Ao integrar essas práticas no cotidiano das crianças, é possível contrabalançar os comportamentos sedentários induzidos pelo isolamento social, atuando de forma proativa no controle e na prevenção da obesidade infantil.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa possui abordagem qualitativa e exploratória, com base em uma revisão bibliográfica. O estudo foi desenvolvido a partir da análise de artigos científicos, publicações acadêmicas e documentos institucionais que abordam os

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

impactos da pandemia da COVID-19 sobre a saúde infantil, com foco específico na obesidade. A seleção das fontes foi realizada por meio de buscas em bases digitais como *Brazilian Journals*, *Revista Prática*, *Conexões Interdisciplinares*, entre outras, priorizando materiais publicados entre os anos de 2021 e 2024, período que contempla os efeitos mais recentes da pandemia.

O critério de escolha dos textos considerou a relevância dos dados apresentados para o tema em questão, a credibilidade das fontes e a atualidade das publicações. Essa metodologia possibilitou compreender, com base na literatura científica, os principais fatores que impulsionaram a obesidade infantil durante e após o período pandêmico, assim como identificar estratégias de intervenção que possam contribuir para a reversão desse quadro.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente pesquisa, ao analisar a literatura acadêmica recente, constatou que a pandemia da COVID-19 provocou impactos profundos no cotidiano das famílias e, principalmente, no comportamento alimentar e na saúde física e emocional das crianças. Os dados coletados demonstram que o isolamento social, aliado às mudanças na rotina e à intensificação de hábitos sedentários, impulsionou o aumento significativo dos índices de obesidade infantil, configurando um grave problema de saúde pública.

Um dos fatores mais recorrentes nos estudos analisados foi a drástica redução da atividade física durante o período pandêmico. Com o fechamento das escolas e espaços de lazer, como parques e quadras esportivas, as crianças foram privadas de ambientes que naturalmente promovem o movimento corporal e o gasto calórico. Andrade *et al*. (2024) ressaltam que, ao serem afastadas das atividades físicas escolares, as crianças também perderam momentos de socialização e bem- estar, essenciais para o equilíbrio físico e emocional. Como resultado, o sedentarismo tornou-se comum, intensificado pela longa permanência dentro de casa.

Paralelamente à inatividade física, observou-se uma transformação nos hábitos alimentares, caracterizada pelo aumento no consumo de alimentos ultraprocessados. Zani e Da Cunha Nones (2023) apontam que a facilidade de acesso a alimentos prontos, ricos em gorduras, sódio e açúcares, somada à busca

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

por conveniência diante de uma rotina alterada, levou muitas famílias a adotarem práticas alimentares inadequadas. Essa realidade se intensificou entre as populações mais vulneráveis economicamente, que, em decorrência da crise financeira, passaram a optar por produtos de menor custo e maior durabilidade, mas de baixo valor nutricional, como demonstrado por Teles e De Lima (2024).

Outro aspecto importante identificado nos resultados é o impacto do uso excessivo de telas durante o período de isolamento. A migração para o ensino remoto, bem como o aumento do tempo em frente a dispositivos eletrônicos para entretenimento, contribuiu para o sedentarismo e estimulou o consumo inconsciente de alimentos durante essas atividades. Passerini (2024) discute como essa exposição prolongada às telas, além de prejudicar o bem-estar emocional das crianças, influenciou negativamente o comportamento alimentar, estabelecendo um vínculo entre tédio, ansiedade e alimentação descontrolada.

O fator emocional também aparece com destaque entre os achados. Da Cunha e De Barros (2021) observaram que o confinamento provocou um aumento de sintomas como ansiedade, irritabilidade e tristeza em crianças e adolescentes. Esses estados emocionais, muitas vezes, foram compensados com o consumo de alimentos hipercalóricos, criando um ciclo de conforto emocional sustentado por hábitos alimentares inadequados. Mendes (2022) reforça que o ganho de peso infantil durante esse período não foi apenas uma consequência física, mas também um reflexo de desequilíbrios psíquicos e sociais.

Com o acúmulo desses fatores, as consequências à saúde tornaram-se evidentes. Dados apresentados por Mendes (2022) revelam que a prevalência de obesidade infantil aumentou entre 10% e 20% durante os anos mais críticos da pandemia. Esse crescimento é preocupante, pois eleva os riscos de doenças crônicas como diabetes tipo 2, hipertensão, dislipidemia e problemas osteomusculares desde a infância, conforme discutido por Araújo e Neto (2024). A obesidade infantil, além das implicações físicas, contribui para o surgimento de questões emocionais graves, como baixa autoestima, isolamento social e sintomas depressivos, especialmente quando acompanhada de bullying ou discriminação (Andrade *et al*., 2024).

Apesar do cenário alarmante, os estudos também apontam estratégias viáveis de intervenção e prevenção. Santi (2023) destaca a importância de ações que estimulem a prática de atividades físicas dentro do ambiente familiar, mesmo em

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

espaços reduzidos. Jogos lúdicos, dança, circuitos de movimentos e até o uso de plataformas digitais com aulas de exercícios têm sido alternativas eficazes para manter as crianças ativas. Godoi e Kawashima (2021) reforçam que o incentivo à movimentação em casa pode ser ainda mais potente quando envolve toda a família, promovendo não só benefícios à saúde, mas também o fortalecimento dos vínculos afetivos.

Além da atividade física, a educação nutricional emerge como um pilar essencial. Santi (2023) defende que escolas, mesmo em formatos remotos, podem promover práticas educativas voltadas à alimentação saudável, incentivando o consumo de frutas, legumes, verduras e grãos integrais. Michetti *et al*. (2022) reforçam a necessidade de combater a influência das mídias e propagandas alimentares nocivas, sobretudo aquelas direcionadas ao público infantil, propondo medidas de regulação e conscientização.

Portanto, os resultados e discussões apresentados neste trabalho indicam que a obesidade infantil no contexto pandêmico é fruto de uma complexa rede de fatores interligados — físicos, emocionais, sociais e econômicos. A pandemia intensificou desigualdades preexistentes e revelou a fragilidade das políticas públicas voltadas à saúde da infância. Para reverter esse quadro, é imprescindível que famílias, escolas, profissionais de saúde e o poder público atuem de forma conjunta, promovendo intervenções integradas que priorizem a saúde integral da criança. Medidas preventivas, educativas e terapêuticas devem ser pensadas com foco na realidade atual das famílias brasileiras e na construção de hábitos saudáveis sustentáveis a longo prazo.

5 CONCLUSÃO

A pandemia da COVID-19 evidenciou e intensificou diversos desafios relacionados à saúde infantil, entre os quais a obesidade se destacou como uma das consequências mais alarmantes. O presente estudo, por meio de revisão bibliográfica, demonstrou que o período de isolamento social provocou mudanças significativas na rotina das crianças, com destaque para a redução da atividade física, o aumento do consumo de alimentos ultraprocessados, a intensificação do uso de telas e o agravamento de fatores emocionais como estresse e ansiedade.

Ficou evidente que a obesidade infantil no contexto pandêmico não pode ser

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

compreendida de forma isolada, pois resulta da interação entre aspectos comportamentais, sociais, econômicos e psicológicos. Crianças em situação de vulnerabilidade socioeconômica foram especialmente afetadas, uma vez que tiveram menor acesso a alimentos saudáveis e oportunidades de atividades físicas, além de enfrentarem maior exposição a conteúdos midiáticos que incentivam o consumo de produtos não nutritivos.

Diante dessa realidade, este estudo reforça a importância da adoção de estratégias de prevenção e intervenção pautadas em ações intersetoriais. A promoção de práticas alimentares saudáveis, a valorização da atividade física dentro do ambiente familiar, o uso consciente das tecnologias e o suporte emocional às crianças devem ser pilares fundamentais em políticas públicas de enfrentamento à obesidade infantil. Além disso, escolas, profissionais da saúde, famílias e comunidades precisam atuar de maneira colaborativa para criar ambientes que favoreçam escolhas saudáveis e sustentáveis.

Portanto, é urgente compreender que combater a obesidade infantil vai além de tratar os sintomas. Exige uma mudança estrutural no modo como a sociedade lida com a infância, especialmente em contextos de crise. O investimento em educação nutricional, espaços de convivência ativa e suporte psicossocial é essencial para garantir o desenvolvimento pleno das crianças e promover um futuro mais saudável e equitativo para as novas gerações.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, M. C. B. **Efeito da temperatura de secagem na extração de óleo das**
ANDRADE, E. A.; DE SÁ, L.; RIGOTTI, H. V. **A relação entre a obesidade em adolescentes ea pandemia de COVID-19**, Brazilian Journal of …, 2024. Disponível em: brazilianjournals.com.br Acesso em: 16.03.2025

ARAÚJO, J. F.; NETO…, J. S. R. **Obesidade infantil: abordagem clínica e terapêutica na prevenção e tratamento das complicações metabólicas e cardiovasculares**, Brazilian Journal of …, 2024. Disponível em: brazilianjournals.com.br Acesso em: 14.03.2025

DA CUNHA, D. B. A.; DE BARROS…, A. B. S. R. **O impacto da pandemia de Covid-19 na saúde mental e física de crianças e adolescentes: uma revisão narrativa**, Revista Eletrônica …, 2021. Disponível em: acervomais.com.br. Acesso em: 14.03.2025

DE FARIA, E. C. **Interferência da família na obesidade infantil**, … Ibero-

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Americana de Humanidades . Disponível em: periodicorease.pro.br Acesso em: 15.03.2025

FERRAZ, M. A. **O papel do Estado na prevenção da obesidade infantil: enfoque em medidas para desestimular o consumo de alimentos não saudáveis**. 2021. Disponível em: usp.br Acesso em: 14.03.2025

GODOI, M.; KAWASHIMA…, L. B. **As práticas do ensino remoto emergencial de educação física em escolas públicas durante a pandemia de COVID-19: reinvenção e desigualdade**. Revista Prática …, 2021. Disponível em: ifmt.edu.br Acesso em: 14.03.2025

MENDES, G. P. **Obesidade infantil no cenário pós-pandemi**a 2022. Disponível em: unirb.edu.br Acesso em: 16.03.2025

MICHETTI, A. K. C.; DA SILVA, M. C. S.; SALOMON, A. L. R. **Influência das relações sociais e midiáticas na formação dos hábitos alimentares do pré- escolar.** E-Acadêmica, 2022. Disponível em: eacademica.org Acesso em: 16.03.2025

PASSERINI, G. L. **O uso excessivo de internet como fator de desregulação emocional e sua influência na compulsão alimentar e na obesidade: Uma revisão de literatura**., 2024. Disponível em: pucgoias.edu.br Acesso em: 14.03.2025

SAMPAIO, M. C. S.; ARAÚJO, W. A.; BARBOSA…, L. R**. Obesidade infantil na pandemia da Covid-19 nos anos de 2020 e 2022**. Visão …, 2023. Disponível em: ufpr.br Acesso em: 14.03.2025

SANTI, N. M. M. **A COVID-19 e mudanças nos hábitos alimentares e na prática de atividade física de adolescentes brasileiros: resultados da pesquisa ConVid Adolescentes**. 2023. Disponível em: ufmg.br Acesso em: 15.03.2025

SANTOS…, B. R. S. **Obesidade infantil: influência dos pais, do meio socieconômico e da prática de exercícios, Conexões** …, 2024. Disponível em: conexoesinterdisciplinares.com Acesso em: 14.03.2025

TELES, M. P. T.; DE LIMA…, C. S. **Os impactos da pandemia do COVID-19 no ganho de peso por crianças e adolescentes e suas repercussões no pós- pandemia: uma revisão integrativa da literatura.** Journal of Health …, 2024. Disponível em: brazilianjournals.com.br Acesso em: 15.03.2025

ZANI, G.; DA CUNHA NONES, D. C. **Pandemia de covid-19 e as mudanças no consumo alimentar de crianças brasileiras em fase escolar**, Brazilian Journal of …, 2023. Disponível em: emnuvens.com.br Acesso em: 14.03.2025

Leitura recomendada: *SANTOS , Maylla Luisa Gonçalves dos; MALINOVSKI, Juliana. Políticas públicas em combate e prevenção da obesidade no Brasil: Public policies to combat and prevent obesity in Brazil. RCMOS - Revista Científica Multidisciplinar O Saber, Brasil, v. 1, n. 1, 2025. DOI: 10.51473/rcmos.v1i1.2025.1106. Disponível em: https://submissoesrevistacientificaosaber.com/index.php/rcmos/article/view/1106.*

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.